

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

THX 1138: uma história do futuro¹

Reynaldo França Lins de Mello*

Resumo: Através do filme THX 1138 - uma história de ficção científica sobre um futuro incerto - podemos refletir sobre o presente por intermédio da discussão entre duas categorias: utopia e distopia; levando, também, a formulações sobre o controle social ao longo das diversas sociedades humanas.

Palavras-chave: Cinema – História – Utopia.

Abstract: Through the movie THX 1138 – a history of the science fiction about an improbable future – we can think about the present time to make use of the two concepts: utopia and distopia, its two words take us a some insights about social control in the humans societies.

Keywords: Movie – History – Utopia.

O primeiro filme de longa-metragem escrito e dirigido por George Lucas, retrata uma sociedade rigidamente governada pelo totalitarismo da biotecnologia com a *neoteocracia*. Não é difícil perceber as profundas influências das obras de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, e de George Orwell, *1984* (referências para qualquer discussão sobre sociedades totalitárias, no campo da realidade do imaginário social, que aliás, está profundamente imbricada na questão do *ser humano*).

O tema de THX 1138, apresenta-nos uma reflexão sobre uma comunidade futurista extremamente avançada em tecnologia e controle social, beirando mesmo ao surrealismo da sustentabilidade social (ecotopia/ecofacismo?), onde ciência, política e religião se fundem num amalgama utópico/distópico.

O filme, na verdade uma parábola sobre as décadas de 1960 e 1970, nos conta uma história na qual a humanidade rastejou até os subterrâneos para viver como prisioneiros em um imenso espaço de clausura computadorizada. Homens e mulheres trabalham em estado de letargia causada pelo uso de drogas tranquilizantes. Não têm nomes, personalidades, nem memória do mundo que abandonaram (apenas códigos identificadores alfas-numéricos), suas necessidades são estipuladas e providas pelo sistema, de forma totalmente igualitária. Esta

¹ Baseado no curta metragem, de 15 minutos, *Electronic Labyrinth: THX 1138 4EB* realizado por Lucas em 1967, quando cursava cinema na USC (University of Southern California), o filme foi uma parceria entre o estúdio Warner Bros. e a American Zoetrope, empresa de Francis Ford Coppola.

* Doutorando em História Social, pela Universidade de São Paulo.

sociedade distópica apresenta-nos uma visão pessimista de um futuro no qual os habitantes são vigiados por andróides e monitorados ciberneticamente, onde toda a forma de emoção foi proibida e considerada, portanto, como ato criminoso².

Esse filme faz uma avaliação do perigo da crescente dependência de tecnologia em nossas vidas como substituta das relações sociais. Toda a afetividade foi banida e o consumo de drogas entorpecentes é obrigatório. As máquinas e computadores são onipresentes e andróides sem rosto zelam pela segurança e pelo cumprimento das leis (nessa metáfora, além da justiça ser cega, ela nem sequer tem uma face!). Nesse mundo, as pessoas habitam junto com parceiros compatíveis escolhidos pelos computadores (THX 1138 é um macho operário que divide seu alojamento com uma fêmea, também operária, LUH 3417). O amor e o contato físico são proibidos e todos os cidadãos são obrigados a realizar tarefas rotineiras como assistir televisão e fazer sexo virtual com hologramas.

THX 1138 (Robert Duvall) é mais um desses cidadãos anônimos e sempre de branco nesta sociedade branca, onde todos são brancos, mesmo os negros, amarelos e vermelhos (rico em efeitos visuais, tomadas de cena em branco sobre branco, em ambiente estéril e frio, transmitem o isolamento entorpecente deste mundo futurístico e asséptico) – é a homogeneização do *uni-forme*: o branco da paz e da pureza de propósitos...

Técnico em uma usina nuclear, ele (THX 1138) vive a rotina normal de todos os habitantes, que inclui a confissão com uma entidade religiosa cibernética e o consumo rotineiro de drogas. Quando sua companheira LUH 3417 (Maggie McOmie) deixa de tomar suas drogas e substitui as de THX por pílulas inativas, os sentimentos despertam e fazem com que experimentem um romance (que é proibido por lei) e se apaixonem. Em seu novo estado de percepção (sentimentos, pensamentos e desejos próprios), o casal decide fugir do subterrâneo e isso acaba levando-os à prisão por **crimes sexuais** e **evasão de drogas**. Embora a maioria dos prisioneiros não deseje fugir, THX já em seu novo local reeducativo, onde os desajustados, deficientes e criminosos convivem numa vasta área de *nada* (no mínimo intrigante a tipologia do conceito de cadeia aqui expressa: a tortura do espírito humano, num local claustrofóbico de horizonte infinito, onde *ser-humano é ser-criminoso*), acaba convencendo SEN 5241 (Donald Pleasence), um técnico de informática que o próprio THX havia denunciado, e SRT, um holograma, a tentarem uma fuga (o real e o virtual são realidades palpáveis desse mundo fictício, o nosso não será igual, com nossas entidades metafísicas?).

² Interessante notarmos as semelhanças do filme com a proposta exposta por Jeremy Bentham sobre o modelo prisional já no século XVIII, sob a alcunha de *O Panóptico*, que podemos interpretar como um estado de vigilância total – um precursor do Grande Irmão, sem dúvida alguma.

Após descobrir que LUH está morta, THX foge e após uma longa perseguição, encerrada porque o orçamento de seu processo foi excedido (os custos para sua captura não são mais viáveis e ele será deixado à própria sorte, sem a proteção de sua sociedade – a reificação do sujeito é total: você vem um custo específico para a sociedade, que é devidamente quantificado, qualquer extrapolação desse limite faz com que o indivíduo seja descartado como útil ao sistema social), acaba alcançando a superfície, perplexo... mas triunfante, muito embora seu destino seja incerto, seu ato libertário anuncia uma nova era!

Feito o primeiro contato com o filme THX 1138 (recomendo entusiasticamente assistirem-no, àqueles que ainda não o fizeram), pensemos brevemente em como utilizar alguns dos conceitos aqui observados para o contexto da prática do ensino em história, como também nas demais ciências sociais.

O filme tem sua gênese na década de 60, é o período da chamada guerra fria, consequência direta da 2ª Guerra Mundial, que opõe dois grandes blocos ideológicos no mundo (capitalismo versus comunismo), e está a todo “o vapor”. Nesse sentido, a discussão sobre o que é ideologia pode partir da história contemporânea, construindo e desconstruindo os sentidos de um passado e ou de um futuro não tão distante.

A história apresenta uma sociedade avançada, em um futuro hipotético, onde ciência, religião e política são utilizadas como elementos de controle social, e mais, como diretrizes de vida dos indivíduos, ensejando-nos uma crítica a ambos os blocos ideológicos, ao sistema social como um todo: se por um lado o sujeito coletivo levado ao extremo da valoração social pode desembocar no totalitarismo, o progresso econômico e científico também pode desaguar no mesmo oceano e, pior, a junção de ambos levando a um mundo humano distópico, praticamente sem alternativas libertárias – aqui podemos antever o surgimento do sistema industrial e científico que ao invés de anunciar a aurora para a raça humana, reporta-nos ao início da escravidão integral: mente e corpo reificados!

O amor (sentimental e sexual) é devidamente controlado por intermédio de drogas, mídia interativa (grandes telas que interagem com os indivíduos, os centros religiosos – estúdios televisivos – e policiamento). Interessante trazermos para o nosso presente esses elementos e questionarmos, se de fato, já não estamos caminhando para isso; pensemos nas Igrejas Eletrônicas, nas drogas lícitas e nas “ilícitas” – mas nem tanto – e nas instituições sociais (temos cada vez mais o acirramento de um estado policial que caminha para um Estado Policial), e veremos uma trajetória constrangedora.

O ser humano busca continuamente, consciente ou não, uma vida de harmonia, paz e equilíbrio; muitos sonham com o Paraíso na Terra ou no além-túmulo, não importa o lugar e o tempo... um dia, um dia chegará, assim como já foi no passado. Mas o fato é que a utopia, via de regra, chega até nós já grávida de distopia; afinal o que é utopia se não a manipulação total da vontade alheia em prol da visão de um ou de alguns, do que seja a perfeição – pura provocação?

Por isso que dialogar com o filme, com a visão do diretor e com as interpretações que surgem daí, é olhar para nossa própria história: será que este filme é sobre o futuro, ou será sobre o presente que está em andamento por debaixo de nossos pés? Se assim for, como chegamos até aqui, que processos históricos carregaram a sociedade humana para uma complexidade cultural tal que leva a minimizar si própria, ao ser humano, levado não a um retrocesso que o tornaria, de novo, apenas mais um animal do mundo Natural, mas a um novo estado, completo e totalmente reificado, nem sequer imaginado, muito embora já entrevisto...

Quando eu passei este filme para minha turma no curso de História, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no ano de 2004, entre várias reflexões críticas (houve muitas), uma das que mais me chamou a atenção foi a que fez referência a necessidade de mais estudos e divulgação, sobre a história do amor e de suas concepções, como também, do uso e abuso por parte das religiões e Estados, dessa faceta das relações humanas, com o fito de controle social e psíquico.

Sem dúvida alguma, a energia sexual é uma das forças mais poderosas a qual o ser humano tem acesso, e quem a dominar, poderá dominar o mundo. Diremos então: viva ao culto da Virgem Maria, viva à Engenharia Genética, viva à repressão, liberalização e incorporação oficial das drogas.

Mas afinal, devemos ser contra o desenvolvimento do conhecimento humano e a suas experiências espirituais? A questão, e toda obra cinematográfica nos coloca alguma questão (ou questões), é quanto ao uso e sentido do conhecimento dado pela ciência e por outros ramos de experiência humana sob a égide do controle político da sociedade, e não um posicionamento contra ou a favor pura e simplesmente a uma novidade ou modismo qualquer.

Mais do que um mundo de imagens, todo filme é um universo de idéias, às quais as imagens representam, e idéias são sempre salutares pois são subversivas³, subvertem o

³ Não posso terminar estas linhas, sem remeter o leitor à fantástica obra do cineasta François Truffaut *Fahrenheit 451*, lançado em 1966. O filme é uma adaptação do livro homônimo do escritor norte-americano Ray Bradbury: num futuro próximo em uma sociedade totalitária e opressiva, a missão dos bombeiros é queimar todo o tipo de material impresso (os bombeiros sempre fizeram isto – anulação da história e eternização do tempo: o tempo é um só e sempre o mesmo), que é considerado propagador da infelicidade. Os livros são objetos subversivos e os

óbvio da ordem emanada da autoridade, seja ela qual for, fonte perene do: decretou, decreta e decretará!

Ficha Técnica:

Título Original: THX 1138.

Direção: George Lucas.

Roteiro: George Lucas e Walter Murch.

Argumento: George Lucas.

Produção: Francis Ford Coppola.

Ano da Produção: 1970. DVD. Color/95 Min.

Elenco: Robert Duvall, Donald Pleasence, Maggie Mcomie e Ian Wolfe.